

ESCOLA FREUDIANA DA ARGENTINA

O desafio da psicanálise é transmitir visando a alteridade, entendida como a articulação da função do outro e do semelhante do modo promovido por Lacan no seminário A ética.

É falando com outros que podemos tomar conhecimento de nosso dizer, única forma de avançar no discurso sem que seja uma verbiagem. Em um seminário ministrado na Escola Freudiana da Argentina, Anabel Selafia destaca que dizer “seres falantes”, utilizando sempre o plural, é mais preciso que dizer “ser falante”, já que a necessidade de discurso está sempre articulada em relação aos outros.

Quando a pessoa se fecha em si mesma, isto é, quando não há outros mais do que no sentido do especular, o discurso em sua instância ética, detém-se e fica só a nível da demanda. É o esmagamento da demanda o que incita a agressividade no laço e a impossibilidade de corte, efeitos de uma lógica de massas que ignora a diferença e promove a segregação e a ignorância da necessidade.

Isso, além de nos empobrecer, tem como efeito que o lugar que poderia ocupar a psicanálise no laço social seja tomado por outras práticas que reduzem o desejo à demanda e oferecem sob a forma de receitas -medicamentosas ou de consignas do superego- alguma forma de “explicação total” do mal-estar na cultura.

As explicações totalizantes são as que convém ao neoliberalismo porque transformam “seres falantes” em indivíduos. Enquanto por uma parte estes discursos da totalidade alimentam a fantasia desejada pelos neuróticos de que existe relação sexual, de que existe metalinguagem, por outra parte permitem que como indivíduos isolados os sujeitos possam ser mais e melhor manipulados.

Por isso consideramos que um encontro possível no discurso é o cartaz, especialmente integrado por membros de diferentes instituições, que permitam pôr em jogo as diferenças de como abordar os problemas da prática, demarcando as interferências do narcisismo, e ao mesmo tempo permitindo ir além dos hábitos de referência das diferentes agrupações, os quais às vezes se afogam numa linguagem de “capela”, que impede trabalhar conjuntamente pela continuidade da psicanálise.

O cartaz ao contrário do grupo tem como orientação a relação à falta suportada no lugar de cada indivíduo com os outros, e o lugar do mais um que orienta o trabalho em relação à transmissão. Se o entendemos como estrutura nodal, é o “a” que faz a diferença entre grupo e cartaz. Não é uma hierarquização nem uma superação, são duas modalidades de trabalho necessárias, só que o cartaz se espera que funcione ajustado com o dispositivo que como transmissão, é a orientação pelo real.

No imaginário que faz a conformação do grupo, o real é uma ameaça, o real dispersa o imaginário, enquanto que se o real formar parte do laço, é com isso que se conta, de modo que o imprevisto pode se ler no seno da estrutura, e em seu funcionamento permite discernir o contingente.

Lacan introduz no Seminário XI uma diferença que permite localizar outra temporalidade que a do automatismo de repetição, a da insistência da corrente significativa que deseja ser lida e é a *tyche*, o encontro com o real o que possibilita que um acontecimento tenha lugar.

O modo de compreender a prática de discurso que a psicanálise é, faz o agrupamento das instituições. Provavelmente é mais difícil sustentar esse coletivo suportado em diferenças e semelhanças, como é o caso do Movimento Convergência, que quando se dissolvem para ficar sob um único nome abrangente – como a IPA em seu momento, ou a EOL na atualidade. A importância do encontro em Convergência é que nunca podemos supor que estamos falando do mesmo, e por isso precisamos do outro e falar: pela sobrevivência da psicanálise, por entender que a psicanálise é a prática em um discurso.

A Proposta de 9 de outubro de 1967 é de onde pensamos e praticamos, há muitos anos, na EFA, o laço entre analistas com o cartaz e o Passe, sem aguardar resultados mensuráveis. O cartaz e o passe existem e permitem teorizar em princípio, e avançar nas questões cruciais para a psicanálise, não sem dificuldades. Cartaz e Passe inquerem os nós e põem em jogo um modo onde se lê o que da linguagem transborda o laço social.

O interessante do movimento que é Convergência é que este dispositivo está na mesma trama, seja praticado no interior duma escola ou sob outras modalidades, ou mesmo que não se pratique, mas se mantenha como possibilidade no horizonte do movimento.

O nó RSI do cartaz e do Passe, permitem que fiquem evidentes as consequências do axioma “não há relação sexual” Em nossa experiência, as dissoluções de alguns cartazes por não ter deixado cair o grupo fato que impede falar um por um, ou a falta de nomeação de um passe, ou o mesmo fato que se pratique o Passe por alguns e seja visto com certa distância por outros, como se não dependesse isso só de pedir fazê-lo, são algumas considerações para pôr a trabalhar.

Os encontros postos em dimensão no Passe *provocam o não há proporção sexual, não há relação nem encontro entre o passante e os passadores, que na EFA são dois e cuja condição é estar em análise. Dizer que não há encontro, provoca que além do fato concreto de se reunir, não há encontro enquanto o passante e o passador estiverem em diferentes lugares se tomarmos como exemplo, o grafo de Subversão do sujeito e compreendendo que a topologia percebe isso. O sujeito dividido no passante e o passador, está no lugar do sintoma. Também não há encontro no sentido do relatório final, já que aí se trata de “cada um”, e no dispositivo mesmo a grupalidade é afetada pelo “mais um” quem evita a coalescência e a homogeneização.*

Isto é, um indivíduo fala e o outro escuta como um transmissor, como manifesta Lacan um barqueiro, que leva aquilo dito na outra margem, Cartaz de Passe, sem que o passador diga o que sente, o que pensa, o que interpreta. Onde se faz sujeito da experiência, além de sua análise? Onde há outro que possa ser suporte daquilo que lhe ocorre? Durante o Passe em curso não pode falar com outros da questão. Temos a experiência que após ter ocorrido o relatório do Cartaz de Passe, a Comissão de Garantia se reúne com os passadores, e é aí onde o passador pode falar com outros, de como se sentiu afetado pela experiência no sentido de pertencer à Escola, de tomar a decisão de ser parte, de querer tomar a palavra apresentando trabalhos ou se encarregar de práticas de transmissão.

Desde a Escola Freudiana da Argentina acreditamos que o encontro entre analistas tem como fim primordial sustentar o discurso da psicanálise como discurso, isto é, como a transmissão de uma ética. Essa transmissão fundamentalmente é a prática de escutar o outro, não como um gesto condescendente em função de algum Bem, mas sabendo que esse escutar é o que permite que as políticas de silenciamento encontrem um lugar de obstáculo e resistência. A política de silenciar o outro, seja com o fim de lhe tirar poder discriminador à função do significante, em favor de um real desamarrado do simbólico e o imaginário, seja por ceder ao conforto da medicalização, ou seja, para oferecer uma falsa adaptabilidade às circunstâncias aberrantes que produz o neocapitalismo, acham na psicanálise e sua prática objeção.

Na hora em que a adaptabilidade a condições por demais graves para a sobrevivência da subjetividade-fome, violência, cinismo- fazem seu negócio devastando a possibilidade do laço, a psicanálise é um lugar possível para “acreditar aí” em que o sujeito é de por si intrinsecamente coletivo.

*Clelia Conde
Alicia Russ*